

O Relacionamento entre a Mídia e as Forças Militares: Um Casamento Disfuncional?

Thom Shanker e
General Mark Hertling, Exército dos EUA



A repórter Kristin Henderson, do jornal Washington Post, à esquerda, tira fotos ao lado de um fuzileiro naval na Província de Helmand, no Afeganistão, em 27 de outubro de 2008. (Corpo de Fuzileiros Navais, Cabo Chad J. Pulliam)

Thom Shanker, correspondente do The New York Times no Pentágono, trabalhou como repórter em diversos conflitos e fez várias viagens jornalísticas ao Iraque, incorporado a corpos de exército, divisões e pequenas unidades. O general-de-brigada Mark Hertling retornou recentemente de seu terceiro rodízio no Iraque (o primeiro durante a Operação Desert Storm, o segundo como subcomandante em Bagdá durante a Operação Iraqui Freedom e o terceiro como comandante da 1ª Divisão Blindada e Divisão Multinacional–Norte).

Depois do desdobramento mais recente, Hertling convocou uma conferência de análise pós-ação em Garmisch, na Alemanha, e convidou Shanker a participar. Durante a conferência, os dois tiveram a oportunidade de continuar o diálogo em curso sobre as relações entre a mídia e as forças militares. Sua conversa mostra que

o relacionamento vem ficando cada vez mais complicado, conforme esses dois homens de profissões diferentes discutem as divergências — e os pontos em comum — que existem entre as forças militares e a mídia neste tempo de conflito e ampla cobertura de notícias.

Hertling: Fico feliz que seus editores tenham permitido que você participe desta conferência, dadas as pressões econômicas em toda a sua indústria. Parece a mim que esses são exatamente os tipos de fórum de que precisamos para nos ajudar a nos entendermos uns aos outros, já que certamente vamos ter um relacionamento de trabalho quer queiramos quer não.

Shanker: Quanto a essa questão... sabe, sempre me pareceu que o relacionamento entre as forças militares e a mídia fosse como um casamento. É

um casamento disfuncional às vezes — não há dúvida — mas ficamos juntos pelas crianças. No seu caso, os soldados são seus “filhos”, e você lhes serve como comandante. No meu, meus dependentes são meus leitores: os cidadãos dessa nação que oferecem uma enorme parcela do tesouro nacional e, o que é mais valioso ainda, seus filhos, filhas, irmãos e cônjuges para suas missões. Merecem saber o que ocorre dentro das forças militares e na formulação da política de segurança, especialmente em uma época de duas guerras.

Hertling: Concordo — até certo ponto. Sem dúvida, você tem a exigência, com base na sua ética profissional e no que consta da nossa Constituição em relação à liberdade da imprensa, de informar nossos cidadãos. O público tem o direito de saber o que ocorre quando as forças militares lutam e executam a política. Contudo,

também sugiro que a responsabilidade das Forças Armadas vai além dos homens e mulheres em serviço sob nossa liderança... também temos a exigência de proteger e defender a nossa

...queremos, acima de tudo, assegurar que, quando fizerem reportagens sobre o que fazemos, os jornalistas acertem nas complexidades para o povo americano.

Constituição e os ideais e valores da nossa nação. Isso faz parte do nosso juramento e é uma faceta importante de quem somos e de como agimos. Então, embora queiramos que os americanos sejam informados sobre o que está acontecendo, também nos concentramos em fazer com que eles entendam as complexidades das nossas “lutas”. O que fazemos — e como isso é percebido — é muito importante para nossa nação. Por essa razão, também é importante para nossos jovens tenentes e sargentos que fazem o trabalho difícil no campo... e são eles que às vezes lidam com a mídia também. Somos todos extremamente preocupados com a forma como somos percebidos por aqueles a quem servimos — especialmente quando vidas estão em jogo. Às vezes, isso nos cega. Mas queremos, acima de tudo, assegurar que, quando fizerem reportagens sobre o que fazemos, os jornalistas acertem nas complexidades para o povo americano.

Há até um desafio maior atualmente, porque o que é publicado em um jornal americano ou transmitido na CNN ou na Fox muitas vezes acaba aparecendo na mídia em outras partes do mundo. Mais ímpeto para passar a informação “certa” para o público, porque quem somos e como somos percebidos pelos nossos adversários também é importante.

Ah, e quanto à analogia do casamento disfuncional... às vezes dá realmente essa sensação. Mas será que o nosso relacionamento se torna disfuncional devido a uma falta de confiança e comunicação?

Shanker: Pode ser. Há um velho ditado que você ouviu antes: a verdade é a primeira baixa da guerra. Contudo, na era da informação, a primeira baixa da guerra é a confiança: a confiança entre aqueles que travam a guerra e aqueles cujo trabalho é fazer reportagens sobre elas. Os oficiais têm de desenvolver a confiança agora, de qualquer maneira possível, ao longo de uma ampla gama de canais de interação, para que, quando as coisas piorarem, como sempre acontece, essa reserva de confiança exista para explicar e entender. É preciso lembrar que as avaliações críticas não são um sinal de desrespeito.

Há outro velho ditado para os repórteres: Você vai cobrir a guerra, mas ela o cobre. Eu apenas acrescentaria que você jamais consegue se livrar dela. Você também disse que os militares de carreira são extremados — isso se aplica às pessoas de ambas as nossas profissões. Mas você sabe disso.

Hertling: O seu comentário sobre desenvolver confiança está completamente certo... sempre. Descobri que isso está no cerne do que nos faz funcionar tão bem como equipes dentro de nossas forças militares. As unidades não conseguiriam fazer nada sem a confiança mútua. Contudo, os jornalistas têm tanta responsabilidade quanto nós em desenvolver essa confiança com as Forças Armadas. Infelizmente, todos nós que usamos o uniforme já fomos “queimados” por

...na era da informação, a primeira baixa da guerra é a confiança: a confiança entre aqueles que travam a guerra e aqueles cujo trabalho é fazer reportagens sobre elas...

uma reportagem ou um repórter em algum momento, e isso certamente influencia qualquer relacionamento.

Eu já vi tratarmos repórteres como se fossem um de nós... durante breves períodos, quando estão incorporados ou quando estabelecemos

um relacionamento pessoal e asseguramos o seu acesso. Entretanto, nas forças militares, desenvolvemos a confiança convivendo com as pessoas, compartilhando o mesmo tipo de ambiente e tendo os mesmos tipos de valores... o tempo todo. Só damos total acesso e franqueza aos jornalistas quando sabemos que existe a confiança. É difícil estabelecer confiança — e fornecer informações contínuas que permitam a “avaliação crítica” que você mencionou — quando os repórteres constantemente entram e saem de nossa área ou quando temos de treinar aqueles que nunca estiveram em uma zona de guerra antes para ver o que estão olhando. Além disso, é difícil reconquistar a confiança uma vez que seja perdida em relação a um indivíduo. Houve épocas no Iraque em que eu tinha jornalistas que já estavam lá havia meses ou até anos e que entendiam realmente o que estava ocorrendo... mas havia outros que entravam e saíam constantemente do Teatro de Operações achando que eram peritos; ou pior ainda, havia aqueles que estavam lá pela primeira vez e decidiam que já sabiam mais do que realmente sabiam. Também havia alguns que simplesmente achavam que tinham de impressionar os editores ou chefe de agência com uma “matéria de impacto”. Veja bem, nenhum desses jornalistas é má pessoa — e sem dúvida temos os mesmos tipos de personalidade nas forças militares — mas, quando brandem uma caneta ou uma

...mas, quando brandem uma caneta ou uma câmera de vídeo, possuem um veículo que pode afetar negativamente, em um curto período, coisas que levaram meses para virar positivas.

câmera de vídeo, possuem um veículo que pode afetar negativamente, em um curto período, coisas que levaram meses para virar positivas. Em ambientes de contrainsurgência complexos,

isso pode ser catastrófico. Isso é o que alguns de nossos militares e oficiais mais jovens às vezes veem quando lidam com a mídia.

A propósito, também temos velhos ditados. Sempre tento lembrar aquele que diz que uma pessoa geralmente está em desvantagem quando

No futuro, onde quer que se atue, os repórteres provavelmente estarão no local primeiro.

discorda com alguém que compra tinta em barris.

Shanker: Quero aprofundar a observação que você fez sobre [jornalistas] incorporados. No caso da guerra no Iraque, nós dois concordaríamos, os incorporados foram um sucesso. Desde o fim do serviço obrigatório, as redações deixaram de estar cheias de veteranos do serviço militar. Nossas culturas ficaram extremamente divididas. Contudo, agora há centenas, se não milhares, de repórteres espalhados por todo o ambiente da mídia que compartilharam barracas, rações operacionais — e riscos do campo de batalha — com seus soldados. O entendimento nos dois lados aumentou.

Entretanto, o Iraque foi provavelmente o final da estrada para a incorporação da mídia em grande escala. É bem provável que o programa bem-sucedido para o Iraque seja uma experiência única. Foi uma grande campanha terrestre que proporcionou inúmeras oportunidades à mídia incorporada. Ao olharmos as possíveis contingências futuras, as oportunidades de incorporação parecem ser bastante escassas: Coreia do Norte? Estreitos de Taiwan? Sublevação no Paquistão? Reação às ambições nucleares do Irã? Talvez não marchemos para a guerra juntos da próxima vez.

Hertling: Não sei. Desde a adoção de jornalistas incorporados, vim a conhecer literalmente centenas de repórteres. Eu os classifiquei mentalmente em várias categorias conforme meu “espectro de confiança”: há aqueles que eu gostaria de ter comigo quando a situação ficasse difícil e complicada porque

são profissionais verdadeiros que fazem o tipo de análise crítica e reportagens de qualidade que você mencionou antes. Contudo, também existem aqueles que estão predispostos a um certo ponto de vista e que não aplicam o tipo de rigor do qual nós, nas forças militares, achamos que precisam para informar o público americano de forma verdadeira e devida. Também há alguns que simplesmente têm objetivos pessoais porque querem criar uma reputação ou agradar a seus editores ou chefes de agência com um mínimo de trabalho e o máximo de linguagem bombástica possível. Todas as profissões têm esses tipos de personalidade e caráter, mas os jornalistas são tão importantes por causa da sua capacidade de influenciar o público.

Sei que qualquer que seja o tipo de conflito em que esteja envolvido da “próxima vez”, vou querer um ou dois jornalistas incorporados comigo devido às exigências ligadas à dinâmica de informações. Realmente acredito — como você — que o povo americano tem o direito de saber o que fazemos.

Shanker: Qualquer que seja o próximo conflito, tenho certeza de que você concorda que as forças militares devem entender que já cederam seu monopólio histórico do controle da área de operações.

No futuro, onde quer que se atue, os repórteres provavelmente estarão no local primeiro. Os repórteres americanos já viajavam com os combatentes da Aliança do Norte no Afeganistão antes de os primeiros destacamentos operacionais Alfa [Equipe-A] das forças especiais colocarem as botas no chão; Bagdá estava fervilhando de membros da imprensa antes de as primeiras munições conjuntas de ataque direto (*Joint Direct Attack Munition* — JDAMs) e mísseis de cruzeiro encontrarem seus alvos.

E vocês também cederam o monopólio sobre as comunicações oriundas da área de operações. Ainda recentemente, no Vietnã, os repórteres tinham de retornar a Saigon para enviar suas reportagens. Quando fui designado para Moscou pela primeira vez, em meados dos anos 80, a alfândega soviética — leia-se KGB — confiscou meu modem de computador como um “dispositivo de criptografia”, e fui forçado a enviar as minhas matérias perfurando uma fita de telex que podia ser interceptada e lida

pela Inteligência soviética. Quando cheguei à Bósnia, em 1992, podia mandar as minhas reportagens via satélite do meio de um duelo de artilharia em Tuzla, embora o transmissor fosse aproximadamente do tamanho de uma mala. Hoje, no Iraque e no Afeganistão, os repórteres de TV enviam vídeos nítidos e usam o tipo de impressão antigo Gutenberg; os repórteres têm provedores de Internet via satélite menores que um laptop, em tempo real e sem censura.

...embora as informações e as relações públicas ainda sejam chamadas de “fogos não letais”, em geral não podemos assegurar que tenham efeitos oportunos ou confiáveis.

Hertling: Tudo isso é verdade. Compartilhamos a área de operações com jornalistas, funcionários de organizações não-governamentais, funcionários interagências e muitas outras pessoas. Eu e meus soldados ficamos impressionados com a capacidade dos repórteres de enviar matérias com rapidez a partir das condições mais severas. Contudo, se eu fosse um repórter que desejasse dar ao público americano informações sobre as atividades militares, eu ia querer, no mínimo, que elas contassem com a contribuição daqueles que são considerados peritos no campo... as Forças Armadas. Os repórteres que você mencionou, que estavam em Bagdá ou com a Aliança do Norte, certamente conheciam sua parcela do ambiente, mas provavelmente apenas conheciam parte da história, devido às suas fontes. Talvez não soubessem dos planos táticos, do contexto operacional ou dos resultados estratégicos que os executores tentavam alcançar. Acompanhar uma equipe de destacamento operacional Alfa é bastante legal e emocionante, mas isso não se qualifica como uma avaliação da situação final operacional.

Por exemplo, frequentemente tinha de responder a perguntas de repórteres que haviam



O secretário de Defesa dos EUA, Robert M. Gates, e o almirante da Marinha dos EUA, Mike Mullen, chefe do Estado-Maior de Defesa, falam à mídia durante uma coletiva de imprensa no Pentágono, 18 de junho de 2009.

acompanhado uma fração em Baquba e que usavam sua experiência limitada em uma parte da minha área para me interrogar sobre as operações em Mosul, uma parte radicalmente diferente da nossa área. É difícil julgar o todo por uma parte. De novo: o que talvez transmitam ao povo americano logo acabará em sites estrangeiros e influenciará nossos adversários. É aí que a linha divisória entre relações públicas e operações de informações fica um pouco nebulosa.

Shanker: Podemos passar o dia inteiro debatendo a área de operações virtual e a esfera de competição de ideias. Contudo, quando se trata do debate sobre como dividir a responsabilidade entre as relações públicas e as operações de informações, a imprensa não é tão precisa quanto devia ser em ajudar nossos leitores a entender essas diferenças, bem como as diferenças das ferramentas de dissimulação no campo de batalha e das operações psicológicas táticas em relação às comunicações estratégicas.

Contudo, estou certo de uma coisa: quando ouço que as forças militares avaliam suas estratégias de comunicações do Teatro de

Operações em unidades chamadas “efeitos estratégicos”, sei que algo pode estar errado. Essa não é uma especialidade ocupacional militar, como a Artilharia.

Não se pode transmitir uma mensagem no campo de batalha e medir seus efeitos contra o inimigo da mesma forma que se conduz uma avaliação de danos causados por bombardeio. As ideias não são elétrons que se pode carregar positivamente e depois medir o efeito luminoso. Sentei com oficiais de efeitos estratégicos que contavam o número das supostas reportagens “positivas” que eles haviam inserido na mídia iraquiana como se essa contagem significasse algo no mundo real onde o conteúdo é suspeito, e o fornecedor dele ainda mais.

Passei cinco anos em Moscou — embora minha esposa marcasse o tempo como cinco *invernos* — e, assim, aprendi como os cidadãos de uma ditadura, ou de uma ex-ditadura como no Iraque de hoje, desconfiam da mídia local. Essa contagem de reportagens “positivas” no Iraque é insignificante no mundo real.

O ponto principal: não se podem disseminar valores democráticos por meios não democráticos.

Se há casos em que, talvez, essa propaganda ou dissimulação sejam necessárias para alcançar um fim tático específico, sancionado por líderes do mais alto escalão, elas devem ser feitas pelos que operam sob o Título 50 do Código dos EUA (*U.S. Code Title 50*) [Guerra e Defesa Nacional, incluindo as agências civis de Inteligência] — e não aqueles em uniforme que operam sob o Título 10 [Forças Armadas]. Em um mundo ligado pela Internet e pela TV via satélite, as operações de informações táticas na zona de combate, até em território inimigo, serão vistas por pessoas na cidade de Peoria, nos EUA, em poucas horas.

Hertling: Admito: estamos tentando lidar com tudo isso... como medir os efeitos estratégicos. Estamos descobrindo que é como pregar gelatina a uma parede. Existem alguns estudos que provam que não há uma “solução mágica” nessa área, e a quantificação de “transmissão de mensagens”, com certeza, não é uma ciência refinada. No entanto, as forças militares possuem uma cultura em que indicadores são importantes, e há alguns indivíduos bem-intencionados em nossas fileiras que precisam de um pouco mais de experiência em comunicações estratégicas. O fato é que — e nós, nas forças militares, precisamos focar esse ponto essencial —, embora as informações e as relações públicas ainda sejam chamadas de “fogos não letais”, em geral não podemos assegurar que tenham efeitos oportunos ou confiáveis.

Sabe, o chefe do Estado-Maior de Defesa disse recentemente que as informações são o domínio crítico do campo de batalha futuro. Os líderes militares tentam controlar todos os aspectos de cada luta, mas o fato é que o campo de batalha centrado nas mensagens é dificilmente controlado porque ele muda e as mensagens que são enviadas não são suficientemente confiáveis para serem lidas no receptor.

Contudo, isso nos leva de volta ao ponto sobre nosso relacionamento porque, à medida que nós — as forças militares e a mídia — interagimos, nossa responsabilidade continua sendo fornecer as informações mais precisas, mais bem analisadas e reais ao público. Isso é difícil para nós, porque nossa profissão tem tantas complicações.

Quais tipos de “concerto” são, a seu ver, apropriados para ajudar nosso relacionamento a melhorar e ajudar nosso casamento a superar seu aspecto disfuncional?

Shanker: Posso oferecer algumas diretrizes para esse relacionamento entre as forças militares e a mídia. A divulgação máxima com o mínimo atraso. Quando uma pergunta é feita, só há três respostas aceitáveis: a verdade; “Sei, mas não posso dizer devido à classificação de sigilo”; e “Não sei, mas deixe-me ver o que posso descobrir”. Se você estiver na comunidade de relações públicas, nunca minta. Ou, como um capitão muito esperto me disse: Uma vez que algo ruim aconteça, não há como mudar isso. A única coisa que se pode controlar é como o público o descobre.

Desde a invasão do Iraque, os oficiais mais antigos gostam de falar sobre a “velocidade da guerra”. E essa velocidade só está aumentando. Entretanto, seu sistema para fazer com que as informações subam na cadeia de comando para divulgação à mídia está acorrentado pelos grilhões enferrujados da era industrial. Estive com suas forças durante tempos de contato com o inimigo. Sei que quando se cobre uma guerra, ela o cobre, e completamente; então, não conto com que haja uma nova diretriz para um líder de fração



Força Aérea dos EUA, Sgt Samuel Morse

Uma câmera de vídeo grava uma apresentação dada pelo general Mike Holmes, da Força Aérea dos EUA, em 5 de janeiro de 2009, durante o dia da mídia, no campo de aviação Bagram, no Afeganistão. Depois da apresentação sobre o apoio aéreo aproximado, repórteres pediram detalhes sobre os esforços da Força Aérea em minimizar as baixas civis.

interromper o contato apenas para transmitir um comunicado à imprensa. Também sei que devo desconfiar das primeiras reportagens.

Mesmo assim, quando são necessárias 8, 12, 16 ou 20 horas para o comando militar ou o Pentágono comentar — talvez esclarecer, talvez corrigir — reportagens da zona de combate sobre um incidente que tenha sido transmitido ao vivo na TV via satélite... ora, você abre mão de vários ciclos de notícias antes que a sua versão dos fatos seja submetida ao julgamento implacável da opinião pública. Esse tempo nunca pode ser recuperado. Essas primeiras impressões talvez nunca mudem. O adversário responde mais rápido com suas declarações, quer sejam verdadeiras quer falsas. Se você não responder em tempo hábil, você perde.

Hertling: Você levanta umas questões interessantes. Vou comentar algumas delas.

Primeiro, você só me deu três respostas aceitáveis para qualquer pergunta, mas eu diria que é preciso haver muitas, muitas mais. Sem dúvida, concordo com você sobre sempre dizer a verdade, mas, muitas vezes, a verdade é extremamente complicada, e os repórteres, em geral, buscam respostas rápidas e fáceis que possam ser redigidas sucintamente ou convertidas em vídeos curtos. Na guerra — como disse o velho Carl Clausewitz — até as coisas mais simples são difíceis. Essas dificuldades nem sempre são entendidas imediatamente e, mesmo que sejam, são difíceis de explicar. Se um repórter estiver disposto a gastar tempo e discutir as implicações de um acontecimento, a maioria de nós, nas forças militares, está disposta a aprofundar a história... se tivermos tempo. No combate, o tempo é um recurso escasso.

Paralelo a isso, vejo uma falta inerente de confiança quando os líderes militares de mais alto escalão tentam proporcionar respostas à imprensa; sempre tenho a impressão de que vocês acham que estamos tentando manipulá-los. Sei que esse é o caso às vezes, mas também sei que muitos repórteres estão sempre procurando aquele momento de “te peguei”, quando podem distorcer uma história para causar mais conflito. Então, falar a verdade — sem todas as suas complicações — é às vezes algo para o qual um soldado não tem tempo, mas que os repórteres com um prazo a cumprir frequentemente ignoram.

Segundo, a ideia de “nunca acreditar em uma primeira reportagem” é uma máxima militar que — com a idade e com a experiência — valorizo cada vez mais. Os comandantes com um pouco de astúcia sempre deixarão que até o evento que pareça mais desastroso tome forma gradualmente... porque sabemos por experiência que há, em geral, algo faltando na reportagem. No entanto, os repórteres parecem ter uma necessidade de satisfação instantânea... especialmente nessa era do ciclo de notícias de vinte quatro horas por dia, sete dias por semana. Então, como podemos resolver esse problema? A confiança conquistada — nos dois lados — talvez seja a única solução.

Tem toda a razão sobre a crescente ferocidade e ritmo de combate... a “velocidade da guerra”, como dizem nossos irmãos das operações especiais. Você faz uma boa observação ao dizer que “as primeiras impressões nunca mudam”. Para você, isso significa que é imperativo enviar as primeiras notícias o mais rápido possível. Para nós, isso significa enviar as notícias mais

Contudo, sei que muitos de vocês se sentem incomodados com o rótulo de que os Estados Unidos são uma nação em guerra — quando, na realidade, só as forças militares e a comunidade de Inteligência estão em guerra.

precisas e informativas possíveis à imprensa. De fato, trabalhei em organizações que levaram um tempo excessivamente longo para transmitir comunicados à imprensa, e, em vários casos, isso prejudicou a causa e me frustrou como comandante. Contudo, não importa o quanto tentarmos, não acredito que lhes enviaremos esses comunicados tão rápido quanto desejam. Precisamos continuar a tratar disso em nosso relacionamento.

Enfim, nossos adversários muitas vezes transmitem informações à imprensa, à TV e à Internet mais rápido que nós. Isso ocorre porque temos um inimigo que está planejando antecipadamente e armando ciladas, e não “reagindo”. A informação é a atual moeda do reino na guerra extremista que estamos travando, e uma grande parcela das informações que nossos inimigos fornecem é planejada antes de o evento ocorrer, como parte de uma campanha de informações. Mas, como você sabe, há uma diferença entre as operações de informações e as relações públicas. Temos de ser honestos quando falamos com a imprensa; nossos inimigos não.

Shanker: Sei que os homens e mulheres em uniforme se ressentem, justificadamente, quando a mídia descreve as Forças Armadas como uma instituição monolítica, como se houvesse o militar com “M maiúsculo”. Claro, há as diferentes forças singulares e, dentro de cada uma, diferentes especialidades ocupacionais e assim por diante. Então, diga-me, por favor: por que tantos nas forças militares criticam a minha profissão como se houvesse uma entidade típica de notícias, uma mídia com “M maiúsculo”?

Somos diferentes. Há meios de comunicação de massa de grande porte com amplos recursos para cobrir este prédio, manter equipes extensas em lugares como Bagdá e Cabul e publicar numerosas reportagens todos os dias sobre essas missões. Há veículos de comunicação em pequenas cidades que dependem das agências de notícias para obter informações da frente. Alguns repórteres estudaram as forças militares, outros não. A TV tem necessidades diferentes. Há a mídia estrangeira, que é, da mesma forma, dividida entre repórteres dos aliados e aqueles das, digamos, capitais mais hostis. Também há os blogs, nos quais repórteres cada vez mais persuasivos trabalham sentados à mesa de jantar, vestidos com o uniforme padrão: camiseta e cueca boxer.

Da mesma forma que você estuda um adversário, deve avisar seus subordinados no terreno que eles devem se esforçar para entender o grau de diferença entre os repórteres que estão em contato com você. E da mesma forma que você faz um planejamento disciplinado para possíveis contingências, com ramificações e sequências para resultados potenciais, você não

estará completando o processo de planejamento sem fazer o mesmo para seu engajamento com a mídia.

Hertling: À medida que fui ficando mais experiente com a mídia, percebi que essa é a única área que precisa de habilidades do nível de doutorado. Nem todos os repórteres — ou veículos de comunicação — são criados iguais, e nem todos vocês querem o mesmo tipo de tratamento e informação. Não aprendi isso até me tornar general de uma estrela, porque, até então, juntava todos vocês em um grupo amorfo. Nossos líderes mais jovens aprendem esses tipos de complexidade em combate mais cedo... colocando o tipo certo de mídia nos lugares certos para conseguir o acesso certo na hora certa. Contudo, nossos jovens tenentes ou sargentos que ainda não tenham descoberto a diferença entre um correspondente da agência de notícias Associated Press e um jornalista vencedor do prêmio Pulitzer são iguais a alguns dos repórteres novatos que entraram em meus centros de operações sem saber a diferença entre um carro de combate e uma peça de artilharia. Todos nós poderíamos nos beneficiar de conselhos amigáveis do outro lado, mas isso às vezes é tão difícil quanto cirurgia cerebral a laser para pessoas no seu lado e no meu.

Por exemplo, até como general de uma estrela mais experiente, tive um momento de iluminação durante uma batalha em 2003 no Iraque. Era uma operação muito complicada, que exigia sutileza, mas também precisávamos deixar o inimigo saber que seríamos implacáveis e letais. Tínhamos algumas opções com respeito a onde queríamos colocar e incorporar as dezenas de jornalistas para quem distribuíamos informações. Deviam acompanhar uma unidade que executaria um ataque relâmpago com carros de combate ou uma unidade de infantaria que enfrentaria negociações tensas e operações variadas no campo de combate? Nossa decisão final? Colocar os jornalistas de TV com as unidades que proporcionariam oportunidades para vídeos emocionantes com combate árduo e incorporar os jornalistas da mídia impressa com a unidade que exigiria a análise mais profunda. Foi magistral: no início, todos estavam contentes porque agradaram a seus editores e chefes de agência, e nós aparentamos ser mais inteligentes

do que éramos! Contudo, até isso mudou quando as reportagens foram transmitidas, e todos os jornalistas começaram a achar que a galinha do vizinho era mais gorda e a querer que os transferíssemos para os locais dos seus concorrentes.

Shanker: Os jornais, a televisão e o rádio continuam a ser os meios mais vitais de se permanecer ligado ao resto da sociedade americana. Isso é especialmente importante porque o modo padrão da nossa democracia é a paz, e é difícil manter uma nação em pé de guerra. As hostilidades constantes não são parte do código de DNA da nossa nação, e devemos ter orgulho disso. Contudo, sei que muitos de vocês se sentem incomodados com o rótulo de que os Estados Unidos são uma nação em guerra — quando, na realidade, só as forças militares e a comunidade de Inteligência estão em guerra. Não é de se estranhar que as Forças Armadas estejam se autorregenerando: os recrutas e oficiais são frequentemente os filhos de soldados e oficiais. As Forças Armadas americanas se arriscam a tornar-se as forças militares prussianas do século XXI.

Bem. Isso é na frente interna. Na zona de combate, os repórteres fazem parte do campo de batalha da mesma forma que o tempo e o terreno. Nunca se abandonaria o campo de batalha devido ao tempo inclemente. Nunca se renderia ao terreno irregular. Então por que cargas-d'água você escolheria não interagir conosco?

Sou um repórter. Busco histórias que atrairão e informarão os leitores. Se um oficial falar com os repórteres, não posso garantir que sua história será relatada da maneira que deseja. No entanto, se vocês não falarem com os repórteres, posso garantir que seu lado da história não será relatado. Ou talvez seja relatado por outros que passem pouco tempo tentando entender o que vocês fazem e não compreendam seus interesses.

Hertling: Você tem toda a razão sobre todos esses pontos! Como comandante superior, aprendi a importância de desenvolver relacionamentos, estabelecer confiança e permitir acesso (quando apropriado e *merecido!*) àqueles da profissão jornalística.

No entanto, ao mesmo tempo em que você nos pede para fazer tudo isso, há algumas coisas que os repórteres também podem fazer.

As forças militares se orgulham de suas escolas e instalações de adestramento. Aprimoramos continuamente nossas habilidades e fazemos uma autocrítica das nossas ações, até o ponto de esmiuçá-las, conforme tentamos melhorar. Nós nos definimos com base no nosso código de ética e nos nossos valores. Os profissionais são definidos com base nessas coisas. Em minhas discussões com vários jornalistas, todos eles culpam os editores, chefes e colegas por não se policiarem e melhorarem. Os jornalistas precisam de tempo para treinar, ampliar sua visão profissional, fazer a autocrítica e desenvolver um código de ética preciso. Isso funciona para profissionais militares, advogados, médicos e clérigos. Parece que também pode funcionar para os membros do “Quarto Poder”.

Shanker: Um comentário final de minha parte. Antes da invasão do Iraque, estava no Forte Benning e falei com o general Hal Moore, que comandou o primeiro grande engajamento terrestre no Vietnã: a batalha de Ia Drang, em novembro de 1965. Seu livro virou filme: *Fomos Heróis*. Ele tinha relacionamentos mutuamente benéficos com correspondentes em uma guerra em que isso não era a norma. Pedi que me contasse seu segredo.

O general Moore explicou: “Disse aos repórteres: ‘Não fiquem em meu caminho. E não revelem os meus planos’. E disse aos meus soldados: ‘Falem do seu nível — não falem em nome dos superiores. E digam a verdade.’” Ele sabia que era o oficial de relações públicas mais importante da unidade inteira. Ele estabelece a intenção do comandante, do topo.

Hertling: Bons conselhos. O general Moore também tinha a vantagem distinta de ter o Joe Galloway como “parceiro de casamento”. Digo a todos os meus comandantes subordinados que *eles* são o oficial de relações públicas da unidade. Transmitir informações precisas às pessoas que estejam assistindo é uma parte essencial da nossa dinâmica do campo de batalha do século XXI, e é por isso que nossos relacionamentos com a imprensa precisam ser fortes.

Shanker: Como eu disse no início: O relacionamento entre a mídia e as forças militares é como um casamento. Mas talvez minha terrível metáfora seja inapropriada. O mais importante é que todos nós continuemos a interagir. **MR**